

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

## **CORAGEM E INCONFORMISMO: A VOZ DA MULHER NA DITADURA BRASILEIRA NA LITERATURA DE BERNARDO KUCINSKI**

### **COURAGE AND NON-CONFORMISM: THE WOMAN'S VOICE IN BERNARDO KUCINSKI'S LITERATURE DURING THE BRAZILIAN DICTATORSHIP**

Rian Lucas da Silva<sup>1</sup>  
Girlene Marques Formiga<sup>2</sup>

**Resumo:** De 1964 a 1985, o Brasil viveu um período que ficou marcado por crimes brutais, atrocidades diversas e por atentados à liberdade e à democracia, momento histórico conhecido como ditadura. Esse cenário problemático foi discutido, repudiado e, com o passar dos anos, perdeu sua força, felizmente. Nesse ínterim, a literatura tem demonstrado interesse em abordar vivências, rotinas e experiências de sujeitos que viveram nesse contexto, a fim de dar-lhes espaço de existência e, sobretudo, de resistência face ao que esse momento específico representou em suas vidas. Com isso, levando em consideração não só que a literatura assume, por vezes, um compromisso social para com os sujeitos como também político, por meio da própria arte, este estudo objetiva, em primeiro plano, analisar duas mulheres – personagens fictícias de dois contos do escritor contemporâneo Bernardo Kucinski, denominados “Joana” e “Você vai voltar pra mim”, inseridos na coletânea de contos intitulada “Você vai voltar pra mim e outros contos” (2014), – figuras imersas em um cenário marcado por processos ditatoriais. A análise se pauta, teoricamente, em alguns autores, como Lima e Benatti (2021); Licarião (2021); Benatti e Moraes (2021) e Ferreira (2018), e foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa de viés bibliográfico. Por fim, realizada a análise, constatou-se que, em ambos os textos, as mulheres construídas por Bernardo Kucinski não desistem; não se calam; não se conformam; não consentem à pressão exercida pelo Estado; pelo contrário, suas personagens femininas são dotadas de uma força sobre-humana, que as faz seguir adiante, buscando suas próprias respostas e anseios em meio ao caos e à incerteza ocasionados pela ditadura brasileira.

**Palavras-chave:** Mulher. Ditadura brasileira. Literatura contemporânea. Bernardo Kucinski.

<sup>1</sup> Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Atualmente, é bolsista do PIDITEC-EaD, do IFPB, com o projeto de pesquisa intitulado “O que pode a literatura de re(ex)istência: compartilhamento de leituras possíveis (e necessárias) na atual conjuntura”. [rian.lucas@academico.ifpb.edu.br](mailto:rian.lucas@academico.ifpb.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Letras na área de Cultura e Literatura; Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) com atuação na Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. É líder do grupo de pesquisa LLEF – Leitura, Literatura, Ensino e processos formativos (CNPq/IFPB). [gformiga@uol.com.br](mailto:gformiga@uol.com.br).

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

**Abstract:** From 1964 to 1985, Brazil experienced a period marked by brutal crimes, various atrocities and attacks on freedom and democracy, a historical moment known as dictatorship. This problematic scenario was discussed, repudiated and, over the years, it lost its strength, fortunately. In the meantime, literature has shown interest in addressing the experiences, routines and experiences of subjects who lived in this context, in order to give them space for existence and, above all, for resistance in the face of what this specific moment represented in their lives. Therefore, taking into account not only that literature sometimes assumes a social commitment towards the subjects but also a political one, through art itself, this study aims, in the foreground, to analyze two women – fictional characters from two short stories by contemporary writer Bernardo Kucinski, called “Joana” and “Você vai volta pra mim”, included in the collection of short stories entitled “Você vai volta pra mim e outro contos” (2014), – figures immersed in a scenario marked by dictatorial processes. The analysis is theoretically based on some authors, such as Lima and Benatti (2021); Licarião (2021); Benatti and Morais (2021) and Ferreira (2018), and was developed from qualitative research with a bibliographic bias. Finally, after carrying out the analysis, it was found that, in both texts, the women constructed by Bernardo Kucinski do not give up; they do not remain silent; they do not conform; do not consent to pressure exerted by the State; on the contrary, its female characters are endowed with superhuman strength, which makes them move forward, seeking their own answers and desires in the midst of the chaos and uncertainty caused by the Brazilian dictatorship.

**Keywords:** Woman. Brazilian dictatorship. Contemporary literature. Bernardo Kucinski.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Ferreira (2018), 31 de março de 1964 registrou-se como um dia agitado: surgia um movimento comandado por oficiais das Forças Armadas que colocou fim ao governo de João Goulart, dando início, posteriormente, aos 21 anos nos quais militares se manifestaram. Chiavenato (1997) e Habert (1994) demarcam o período de 1964 no Brasil enquanto um momento histórico – o da ditadura militar, marcado por acontecimentos relevantes, como a renúncia de Jânio Quadros no ano de 1961. É válido destacar, nesse contexto, o Ato Institucional Nº 1 (AI-1), que fora assinado pela Junta Militar, responsável por governar o país de modo provisório, garantindo, pois, a perseguição política.

Nessa mesma linha de pensamento, a ditadura, a partir dos pensamentos de Benatti e Morais (2021), postulou uma etapa extremamente negativa na história do progresso e desenvolvimento da sociedade brasileira, responsável por deixar rastros de dor e de sangue que não podem sequer ser apagados. Para os autores, esse período se tornou um dos mais tensos da história do Brasil, sobretudo

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

pela ausência de liberdade, mecanismos de torturas, desaparecimento dos opositores políticos e presença de um governo autoritário.

Ao relacionar esse cenário histórico às artes e, de forma mais específica, à literatura, Benatti e Moraes (2021) destacam que esta consegue trazer a correspondência de ampliar horizontes, somar conhecimentos e, ainda, fornecer caminhos e elementos para uma construção crítica do sujeito. À vista disso, por ser um tipo específico de arte, à literatura é incumbido, por vezes, o papel de (res)guardar memórias de determinados sujeitos históricos inseridos em contextos marcantes e brutais, tais como o cenário que se criou por volta de 1964 a 1985.

No campo da arte, não faltaram escritores engajados no sentido de tentar representar, em seus textos, características desse cenário (ainda não tão distante da contemporaneidade). Para citar um exemplo, destaca-se o escritor contemporâneo Bernardo Kucinski, criador de uma narrativa que não só reúne mas também transcende para o plano literário os fragmentos de memórias de sujeitos sob escombros da ditadura brasileira (LIMA; BENATTI, 2021).

Neste estudo, o foco recai sobre a produção literária de Kucinski. Ressalta-se, por sua vez, que esse autor foi escolhido – dentre tantos que poderiam surgir – pelo fato de sua produção literária ainda ser recente, pouco conhecida, raramente lida e pouco trabalhada no universo acadêmico, conforme defendem Lima e Benatti (2021). Pretende-se, portanto, a partir de Kucinski, possibilitar espaço a escritores contemporâneos ainda não tão comuns em nosso meio, a fim de lhes oferecer visibilidade e reconhecimento. Além disso, em se tratando deste nosso objeto de estudo, é interessante mencionar que sua produção, no geral, pauta-se sob os anos de repressão, tortura, perseguição e desaparecimentos que marcam governos militares (LICARIÃO, 2021).

Isso posto, este artigo objetiva analisar duas mulheres fictícias que surgem em dois contos de Kucinski, intitulados “Joana” e “Você vai voltar pra mim”, inseridos na coletânea de contos “Você vai voltar pra mim e outros contos” (2014), obra que representa figuras imersas em um cenário marcado por processos ditatoriais. A análise se pauta, teoricamente, em alguns autores, como Lima e

# **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



***07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022***

Benatti (2021); Licarião (2021); Benatti e Morais (2021) e Ferreira (2018), e foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa de viés bibliográfico.

Por fim, acredita-se que a literatura proposta por Kucinski consegue aproximar literatura daquilo que pode ser verdade e ampliar noções longínquas entre ficção e realidade, tendo em vista que suas narrativas, vez ou outra, se aproximam de acontecimentos reais vividos por sujeitos em situação de regime ditatorial – não à toa seus textos se encaixam na categoria chamada “literatura de testemunho”. Sob esse prisma, seus textos trazem foco e lançam luz sobre temáticas que não podem ser esquecidas, um cenário cuja história sempre deverá ser (re)lembrada, com o fito de que não seja repetido nem no Brasil nem no mundo.

## **2 RESQUÍCIOS DA DITADURA BRASILEIRA NA LITERATURA: ALGUNS APONTAMENTOS**

Entre 1964 e 1985, o Brasil ficou marcado, historicamente, por uma época dolorosa, pautada sob princípios de autoritarismo, retomada da liberdade de expressão e de cidadania. Relacionar esse contexto ao campo das artes e, de modo especial, à literatura, é reconhecer o papel fundamental dela na sociedade por, entre tantos motivos, rememorar acontecimentos trágicos (PERTUZZATI; PORTO, 2017).

Assim sendo, a memória da ditadura militar, conforme preconiza Ginzburg (2007), apresenta-se como um problema crucial para a crítica literária, pois, em um país cujas heranças conservadoras são monumentais e suas dificuldades para esclarecer o passado são reforçadas, cabe aos escritores, cineastas, músicos e afins uma necessidade de evocar questões históricas que afetam a nossa sociedade. Para além disso, “à crítica literária, entre outras tarefas, cabe o discernimento entre as várias formas de produção cultural, para estabelecer critérios de relevância e valor” (GINZBURG, 2007, p. 44).

Nesse viés, Licarião (2021) aponta que a literatura brasileira foi tomada, naquela época, por um interesse bastante renovado pela ditadura civil-militar, tendo em vista que, passados mais de trinta

## **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



***07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022***

anos desde o seu término, o acervo literário produziu formas variadas de representação de tal fenômeno.

Silva (2014) corrobora esse pensamento na medida em que destaca que a segunda metade do século XX foi marcada por relatos testemunhais, que surgiam por meio de depoimentos, cartas, autobiografias e romances, por exemplo. No caso de romances, Silva (2014, p. 58) diz que “as obras literárias configuram-se como espaço privilegiado para a discussão acerca de como retratar as marcas da convivência com o horror, o que nos remete à tensão entre a catástrofe e as possibilidades ou limites de sua representação”. Esses romances, em suas estruturas, mobilizavam temáticas centrais, como a tortura e a luta armada (PERLATTO, 2017), assim como acontece em obras de Kucinski – escritor utilizado neste estudo.

A respeito disso, o estudo mais recente sobre a temática aqui abordada se deu por meio da obra “A literatura como arquivo da ditadura brasileira”, de Eurídice Figueiredo (2017), em que a pesquisadora apresenta uma divisão dessa produção nacional focada nos anos tanto de perseguição política quanto de autoritarismo, na forma de três períodos. O primeiro, que se inicia em 1964 e dirige-se até a promulgação da Lei da Anistia, em 1979, foi marcado por massacres de projetos revolucionários que se seguiam naquela época. São representativos desse momento inicial alguns romances, como “Zero” e “A festa”, de Inácio de Loyola Brandão e Ivan Ângelo, respectivamente.

Por outro lado, Figueiredo (2017) menciona que o segundo momento compreende a produção ecoada entre os anos de 1980 e 2000, tendo sua caracterização definida via propagação de relatos/desabafos testemunhais de sujeitos que sobreviveram a torturas e a exílios políticos. A autora também destaca algumas obras típicas desse período, sendo elas: “Os carbonários”, de Alfredo Sirkis, “Batismo de sangue”, de Frei Beto, e “Memórias do esquecimento”, de Flávio Tavares.

O terceiro momento, por fim, é datado de 2001 até a presente data da publicação do livro de Figueiredo (2017). Para ela, essa etapa se organiza em torno de sessões temáticas, como “Romances com histórias cruzadas”, “O Araguaia como fantasma”, “Romances e relatos memoriais”, “Oban e

## **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



***07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022***

operação Condor”, “(Auto)biografia de um cachorro” e “Os filhos do exílio”, conforme relembra Licarião (2021).

Em “Sintomas de precariedade: a memória da ditadura na ficção de Bernardo Kucinski e Micheline Verunsch”, resultado da tese de Licarião (2021), o autor também apresenta uma divisão em torno de produções feitas no contexto da ditadura militar, destacando as “narrativas de busca”, as “narrativas de retorno” e as “narrativas de trauma”. No primeiro, o autor destaca que as obras se centram em dois símbolos – os mortos e os desaparecidos políticos. Assim, “as narrativas de busca têm como principal elemento motivador da trama a procura por uma ou mais pessoas, baseadas em perfis reais ou não, vitimadas pela máquina de desaparecimento da ditadura” (LICARIÃO, 2021, p. 55).

Já as narrativas de retorno, para o pesquisador, são aquelas obras determinadas por um elemento comum ao enredo – o presente pós-ditadura. Aqui, a característica desse momento são as temporalidades múltiplas e fragmentadas que compõem os relatos feitos por saltos ou recortes na narrativa, que proporcionam olhares distintos sobre o passado e, portanto, podem se manifestar por meio de testemunhos, denúncias, declarações etc. (LICARIÃO, 2021).

As narrativas de trauma, última divisão pensada pelo estudioso, possuem a condição determinante de mostrar relações traumáticas que podem ser oriundas “do exílio, da perseguição, da tortura, da perda de amigos e companheiros de luta, dos crimes cometidos pelas personagens (ou por pessoas próximas), em suma, do que foi testemunhado, calado, sofrido” (LICARIÃO, 2021, p. 65).

Diante das perspectivas apresentadas quanto às divisões que alguns autores realizam em torno da ditadura na literatura, cabe frisar que os textos dessa temática ficaram conhecidos como “literatura de testemunho” que, para Silva (2014) são aqueles textos de forte teor de testemunho na medida em que abordam “catástrofes predominantemente do século XX – como as guerras mundiais, as experiências nos campos de concentração e a violência de Estado durante as ditaduras civil-militares na América Latina” (SILVA, 2014, p. 58).

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Em outros dizeres, Pertuzzati e Porto (2017) mencionam que a chamada “literatura de testemunho” são “obras que relatam o horror e o abalo sofridos não só pelas vítimas, (sic) mas também pelos familiares de cidadãos que, após sequestro ou prisão, eram violentados até a morte” (PERTUZZATI; PORTO, 2017, p. 273). Dessa forma, consoante Ferreira (2018), foi a ascensão dos militares ao poder nos anos de 1964 que originou o surgimento dessa literatura de teor testemunhal que buscava, em sua essência, representar o período da ditadura civil-militar.

Neste sentido, pode-se afirmar que essas obras literárias possibilitam, dentre tantas questões, oferecer concretude a esses personagens que, muitas vezes, são pensados em abstrato, conforme relembra Perlatto (2017), demonstrando, portanto, não somente as diversidades entre eles mas também os dilemas e interrogações experienciados por aqueles que ou morreram ou que, sobretudo, escolheram o caminho da luta armada, independente de quanto o cenário daquela época fosse contra suas existências.

Não obstante essas discussões de ditadura estejam presentes na literatura de seu período, é preciso ter em mente que o cerne da literatura brasileira contemporânea, de acordo com Michael (2016), tem rememorado, de diversas maneiras, esse cenário de terror que ocorreu no país. Como exemplo de autor inserido nessa contemporaneidade, o estudioso menciona o nome de Bernardo Kucinski – autor utilizado para este estudo. É sobre dois contos desse escritor que, na seção a seguir, este estudo irá se aprofundar.

### **3 SOB OS ESCOMBROS DA DITADURA: O (RE)SURGIMENTO DE MULHERES EM “JOANA” E “VOCÊ VAI VOLTAR PRA MIM”**

A princípio, Ferreira (2018) aponta que a estreia de Kucinski na ficção somente aconteceu tardiamente: após os 70 anos, com o lançamento de “K. Relato de uma busca”, em 2011. Em virtude do sucesso, o estudioso apregoa que Kucinski passou então a compor a lista de escritores brasileiros mais importantes no que tange ao espaço da contemporaneidade.

Assim, a produção literária de Kucinski se destaca em virtude da presença quase ubíqua da ditadura em suas narrativas, conforme relembra Licarião (2021). Desse modo, é justamente essa

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

marca que se encontra imbrincada nos dois contos que serão analisados, presentes na coletânea “Você vai voltar pra mim e outros contos” (2014).

“Joana” – primeiro conto a ser analisado neste estudo – inicia-se com a apresentação de um personagem em primeira pessoa que narra, lentamente, a história de uma mulher que dá nome ao título deste conto. É a partir da memória e da narração aguçada de um homem – depois apresentado como um dos advogados que Joana teve – que o leitor passa a conhecer a misteriosa vida de uma mulher cujo costume parece intrigar a muitos: vagar sozinha à noite, procurando alguém entre os moradores de rua.

Observem aquela mulher de lenço preto na cabeça, caminhando na calçada. Concordam comigo que parece uma pessoa comum? Que só chama a atenção por vagar sozinha tarde da noite, sendo idosa? Pois saibam que há uma história por trás das peregrinações dessa mulher. Sim, suas andanças na madrugada fria são verdadeiras peregrinações. (KUCINSKI, 2014, p. 34)

Já se nota, à primeira vista, o desenvolvimento de um suspense em torno da figura dessa mulher, que peregrina, que busca algo desconhecido por parte do leitor, que vagueia rumo a pessoas em situação de rua: “Ela se chama Joana e mora aqui perto. Passa por esta rua a caminho do centro da cidade, onde dormem muitos moradores de rua. É a eles que ela busca.” (KUCINSKI, 2014, p. 34). É interessante notar também que o narrador opta por escolher o termo “peregrinações” ao invés de “caminhadas”, o que contribui para dar um tom bastante forte a sua ação, demonstrando um ideal mais ligado à fé. Não são, portanto, meras andanças pela cidade; trata-se de caminhadas incessantes rumo a um paradeiro que o leitor só consegue descobrir à medida que se debruça sobre o texto.

A linguagem empregada é curta, direta, com narração rápida e focada em detalhes dos infortúnios que se abateram sobre essa mulher, o que dá ao conto uma fluidez maior no que tange ao desenvolvimento e desenrolar dos fatos na narrativa. É interessante notar que o texto fora escrito como se convidasse o leitor a conversar com o narrador, a participar do jogo argumentativo que ele cria, como se percebe em: “vocês nunca conhecerão” (KUCINSKI, 2014, p. 34); “notem como ela vai” (KUCINSKI, 2014, p. 34).

## **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



***07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022***

É justamente por meio desse narrador convidativo – íntimo da personagem – que, em determinado momento, ele parece orgulhar-se de ser uma das poucas pessoas que conhecem a história de Joana: “Vocês nunca conhecerão a história dessa mulher, se eu não a contar” (KUCINSKI, 2014, p. 34); em seguida, complementa: “Eu conheço a história dela porque fui um dos seus advogados, embora não tão ilustre” (KUCINSKI, 2014, p. 34). Prova-se que existe, nesse sentido, uma relação de proximidade antiga entre cliente e ex-advogado, o que contribui para o seu conhecimento a respeito de quem é essa mulher, a qual ele mesmo a descreve do seguinte modo:

Não pensem que ela seja uma louca. Nada disso. É uma mulher normal, um pouco maltratada pela vida, como toda mulher pobre, mas rija, de cabeça boa, com dois filhos e quatro netos, todos saudáveis. Joana recebe uma pensão do Estado por tudo o que aconteceu. Foi justamente dos trâmites desse processo que eu tratei. Mas faz questão de trabalhar. Além de cuidar dos netos, é atendente de uma floricultura por meio período. (KUCINSKI, 2014, p. 34)

É nesse momento que a narrativa, já de forma mais escancarada, faz referência ao período ditatorial brasileiro. Isso aproxima as fronteiras entre o que parece ser ficção (literatura) de realidade, na medida em que põe em foco os limites entre esses dois campos. Isso vai ao encontro daquilo que Benatti e Moraes (2021) reforçam: o entendimento de que Kucinski conseguiu transformar, por meio da arte, sofrimento e indignação em uma literatura de arquivo da ditadura militar brasileira, como se vê em:

O começo da sua história é trágico, mas não incomum. Aconteceu a ela o mesmo que a outras famílias naquele tempo. O que torna seu caso especial é seu comportamento único, sua perseverança, suas peregrinações noturnas. Ela faz isso há mais de duas décadas. Deixe ver... se o marido foi preso em 1969 e estamos em 1995, ela faz isso há vinte e seis anos. (KUCINSKI, 2014, p. 34)

Em seguida, outras descrições são endereçadas à Joana: descobre-se que a personagem peregrina ruas afora, à noite, entre desconhecidos, por seu ex-marido, posteriormente apresentado como Raimundo, um metalúrgico, católico, nordestino, retirante, pai de dois filhos e participante de um grupo chamado “Ação Popular”, responsável por organizar operários em fábricas. Dado o

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

contexto ditatorial em que os personagens estão imersos, o final trágico é revelado ao leitor: Raimundo foi preso sem ordem de prisão por policiais, que invadiram sua casa e o espancaram até a morte no mesmo dia e, como se não bastasse, decidiram sumir com o seu corpo – fato esse que leva Joana a perambular pela cidade à procura de seu marido, pois ainda acredita que ele esteja vivo e perdido nas ruas.

Um dia, bem cedo, a polícia foi à casa deles e levou Raimundo. Sem mandado de prisão, sem nada. Soube-se depois que ele foi espancado de modo tão brutal que morreu no mesmo dia. Seus gritos eram ouvidos em outras celas. Para ocultar o homicídio, no caso doloso e qualificado, pois acompanhado do crime acessório de abuso de autoridade, a polícia cometeu outro crime, o de ocultamento de cadáver. Sumiram com o corpo de Raimundo. (KUCINSKI, 2014, p. 34-35)

Joana assume, nesse contexto, uma posição de mulher que vagueia alimentada pela idealização que ela mesma criou – a de que seu marido ainda estava vivo. Essa visão faz com que a personagem se inquiete e demonstra, acima de tudo, seu inconformismo face ao que o período da ditadura lhe causara: “Cadê o corpo?, ela perguntou. E sempre pergunta. Diz que só vai se considerar viúva no dia em que trouxerem o atestado de óbito de Raimundo e mostrarem sua sepultura” (KUCINSKI, 2014, p. 35).

A ausência do corpo, ao menos para a personagem, é interpretada como símbolo da existência de Raimundo, e não de sua morte, como as pessoas ao seu redor acreditam. Como não há essa comprovação da morte por meio do surgimento do corpo, Joana persiste e, como o narrador demonstra, ela “sempre pergunta” na expectativa de que alguém saiba o paradeiro de seu companheiro. Não se conforma, pois, com a barbárie que acontecera a seu marido e, por causa disso, perambula pela cidade, a fim de encontrá-lo ainda com vida, uma vez que sua força e ânimo são combustíveis para suas peregrinações.

Uma ou duas noites por semana, ela junta algumas moedas e sai envolta em seu xale. Exibe a fotografia de Raimundo aos moradores de rua, pergunta se apareceu algum andarilho ou indigente desconhecido de mais idade e de tez branca. Se dizem que sim, ela quer saber debaixo de qual marquise ou em qual abrigo da Prefeitura ele está

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

e vai atrás dele. No caminho vai deixando uma moeda aqui, outra ali. É como se uma força superior a fizesse se levantar automaticamente e sair errante pelas ruas à procura do marido. Quase como uma sonâmbula. Ou como se estivesse pagando uma promessa. (KUCINSKI, 2014, p. 35)

A respeito disso, na época da ditadura, Ferreira (2018) alerta para o fato de que alguns sujeitos, como deputados federais, lideranças sindicais e funcionários públicos, por exemplo, foram cassados por serem vistos como uma ameaça à segurança nacional, movimento esse que ocorre com o personagem de Raimundo na trama.

Desse modo, levam essa idosa sempre à frente a persistência, o inconformismo, a coragem e, sobretudo, o amor ao marido. O narrador caracteriza Joana como “sonâmbula”, aludindo, talvez, à ideia de que ela realiza uma busca incessante, e nem mesmo o sono é capaz de detê-la. Por fim, o conto finaliza-se mediante descrição do personagem advogado, ao dizer que:

Joana era jovem quando assassinaram Raimundo. Eu não a conheci nessa época. Dizem que era muito bonita e nunca quis outro homem. Sim, pensando bem, acho que essa é sobretudo uma história de amor, um desses amores intensos que nem o tempo nem a ditadura conseguiram extinguir. (KUCINSKI, 2014, p. 35)

Isso confirma o que fora levantado como análise até o momento: Joana é uma mulher marcada pelo amor e pela busca contínua (esperança), que se sente movida pelo anseio de encontrar o seu marido ainda vivo, embora nunca tenha tido êxito em suas procuras noturnas. Pode-se inferir, dentre tantos aspectos, que a crítica presente no conto reside na tragédia brutal ocorrida com tantos Raimundos em tempos de ditadura, assim como com tantas Joanas que tentam seguir suas vidas após terem sido violentadas pelo Estado de sua época, responsável por tirar pessoas, sem nenhuma explicação plausível aparente, de suas vidas.

Assim como Raimundo e Joana, tantos outros seguiram o mesmo caminho desta história de amor (?), por terem suas vidas impedidas em decorrência de um regime excludente e bárbaro. Acredita-se, ainda, que o texto reforça, profundamente, as dores, as insistências, a coragem e o amor

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

de muitos sujeitos que, naquela época, tiveram de viver à sombra de um período que ceifou várias vidas.

Retomando às categorias propostas por Licarião (2021) sobre literatura e ditadura, pode-se perceber que o conto analisado se encaixa nas três categorias explicitadas pelo pesquisador: primeiro, “narrativa de busca” – por mostrar a personagem à procura de seu amado; segundo, “narrativa de retorno” – porque o narrador se utiliza de seu olhar, que se alterna entre acontecimentos do passado e do futuro, para relatar o que ocorrera com a personagem; terceiro, “narrativa de trauma” – por evidenciar relações traumáticas oriundas da perseguição e da tortura cometidas contra Joana.

Já o segundo conto a ser analisado, “Você vai voltar pra mim”, inicia-se mediante diálogo de um personagem que alerta uma mulher sobre aquilo que ela irá dizer no tribunal, pois, do contrário, acabará voltando para ele, daí o título deste conto. Somente após as primeiras linhas desse diálogo, o leitor consegue entender todo o contexto: uma mulher – não nomeada ao longo de todo o texto – irá à primeira audiência de seu processo, até então desconhecido pelo leitor, marcando, assim como no texto anteriormente analisado, um clima de mistério e suspense: “– Veja bem o que você vai dizer, não esqueça que depois você volta pra cá; você volta pra mim – ele repetiu. E riu. Bateu a porta do camburão e riu.” (KUCINSKI, 2014, p. 41).

O cenário já oferece pistas sobre o paradeiro dessa mulher ao apresentá-la inserida em um camburão. Depois, ocorre o momento em que ela fala pela primeira vez: “Filho da puta, ela disse a si mesma. Sentiu um calafrio.” (KUCINSKI, 2014, p. 41). Dois apontamentos não podem deixar de ser averiguados nesse excerto: primeiro, é preciso se atentar que, naquela ocasião, a mulher sentiu “calafrio”, o que revela seu receio/medo face ao que está prestes a enfrentar na sala da audiência. Em segundo lugar, convém averiguar que o nome da mulher não é revelado e sua associação é feita unicamente por meio do pronome feminino “ela”.

Compreende-se esse uso como uma técnica proposital e pensada pelo autor do conto, que pode revelar, dentre algumas especulações, que a personagem da narrativa representa várias “elas” não nomeadas durante a ditadura brasileira, podendo, inclusive, ser quaisquer sujeitos femininos que

## **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

tenham passado pelo mesmo que a personagem fictícia enfrentou durante esse momento cruel. Benatti e Moraes (2021) seguem esse mesmo pensamento ao destacar que a falta de um nome específico para a personagem, aqui usado com o pronome “ela”, permite uma identificação muito ampla e universalizada à personagem – que poderia ser facilmente associado a quaisquer prisioneiros políticos durante o período de repressão.

Durante o conto, a mulher apresenta ter consciência de que, para se sair bem no julgamento, deveria apenas manter o controle e ficar quieta, ou melhor, colaborar com os oficiais: “Ia dar tudo certo, garantiram. Só precisava manter o controle. Não dizer nada, apenas negar as acusações do indiciamento. Ficar nisso.” (KUCINSKI, 2014, p. 42). Logo em seguida, o narrador em terceira pessoa (ad)entra no espaço para mostrar a mulher enquanto a única sobrevivente, pois todos os seus outros companheiros já estariam mortos.

Estava só ela no camburão. Só ela, de tantos companheiros, ainda viva e indo para uma audiência na Justiça Militar. Se não fosse aquela notícia da sua prisão, já estava morta. Ela mesma pediu, mais de uma vez, me matem, me matem. E o filho da puta dizia: “eu vou te matar, sim, mas quando eu quiser.” (KUCINSKI, 2014, p. 41)

É evidente o sofrimento vivido por essa mulher que chega a pedir, mais de uma vez, que a matassem, assim como fizeram com os seus colegas. Seu pedido é, no entanto, negado justamente pelo soldado/oficial militar – aqui caracterizado como o responsável por decidir “quando”, ou melhor, o exato momento em que ela deveria (ou não) morrer. Nesse ínterim, percebe-se que se encontra nas mãos de um homem o poder de decisão sobre a vida dessa mulher, marcando, dessa forma, o poder masculino sobre o corpo feminino (ou do algoz sobre o prisioneiro) e sobre suas decisões.

Na audiência, os planos realizados outrora pela personagem de colaborar e nada dizer não foram concretizados, haja vista que ela não conseguiu calar-se; ao contrário, declarou-se inocente de todas as acusações e revelou só ter assinado os documentos porque estava sob tortura.

A audiência foi curta. Um coronel leu o indiciamento. Ela se declarou inocente de todas as acusações (...) Não é o que está na confissão que a senhora assinou, tomada a termo pelo delegado. Foi então que ela perdeu o controle e gritou:

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

– Assinei sob tortura! Esse delegado filho da puta me pendurou sete vezes. Faz-se um silêncio estranho. Sete vezes, sete vezes, as palavras pareciam dar a volta na sala do tribunal. Sete vezes, nem uma nem duas, sete vezes. O juiz suspendeu a sessão e convocou todos à sua sala. (KUCINSKI, 2014, p. 41)

Por mais que tivesse feitos planos de se manter atenta e obediente às ordens que recebera de seu advogado a fim de colaborar no processo, nota-se uma mulher que explode frente a um tribunal que planejara culpá-la e condená-la a mais crimes e torturas, independente de ela ser inocente ou não. É visível a construção de uma mulher que decide se impor – até mesmo em momentos nos quais isso poderia tirar-lhe a própria vida; que não se cala nem consente a pressão exercida pelo Estado; que fala alto e defende a sua própria história, conforme se vê no trecho a seguir:

No recesso do gabinete, ela disse tudo. Não conseguiu parar de falar. Mostrou os hematomas nos braços e nos tornozelos, falou das palmadas, dos choques nos seios e na vagina, da ameaça de estupro, da simulação de fuzilamento, dos afogamentos, dos onze dias na solitária (KUCINSKI, 2014, p. 41).

É ouvida por todos a voz de uma mulher que declara, em julgamento ditatorial, as torturas que ela sofrera. A narração, por si só, carrega um desabafo extremo e profundo acerca das dores e sofrimentos que essa mulher viveu sob cárcere, de modo a revelar a violência cometida por membros masculinos que, em sua essência, deveriam protegê-la, e não agredi-la. As torturas tornam-se tão traumatizantes para a personagem que, mais de uma vez, ela faz menção ao seu desejo de tirar a própria vida.

Disse que para lá não voltava, preferia morrer. Se a levarem de volta se mata, se atira pela primeira janela; se não tiver janela, se mata batendo a cabeça na parede; se não tiver parede, corta os pulsos; se não tiver com que cortar; morde com os dentes; se não der certo, faz greve de fome até morrer. (KUCINSKI, 2014, p. 41-42)

Vê-se que a morte, nesse contexto, já não assume o arquétipo de uma visão negativa de dor, de sofrimento e de luto, mas de salvação e, acima de tudo, de liberdade face a tudo o que essa mulher teve de enfrentar enquanto estava sendo torturada violentamente. Não à toa, percebe-se como a

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

personagem afirma encontrar saídas para provocar seu suicídio, pois isso, para ela, significaria o fim daquela existência desumana.

Depois desse relato da personagem, o conto caminha para o término do seguinte modo: após juiz, procurador e advogados negociarem o processo lentamente, o primeiro emite um alvará em que ordena a transferência da mulher para o presídio feminino. Na expectativa de não retornar ao local em que estava anteriormente sendo agredida, ela consente e assina o documento. Por sua vez, ao dirigir-se ao camburão, notou que era o mesmo que a trouxera antes, o que a deixou bastante assustada por causa disso e, assim, encerra-se o conto:

De novo está só no camburão. Percebe que é o mesmo que a trouxe e se inquieta. Passa a observar o trajeto pela grade de ventilação. Vê, aterrorizada, entrarem pelo mesmo portão através do qual haviam saído para o tribunal. O camburão para, a porta se abre. O torturador diz, sorrindo:  
– Eu disse que você ia voltar pra mim, não disse? Vem, benzinho, vamos brincar um pouco.  
Ele a agarra pelas canelas e a arrasta para fora. Os outros em volta riem. (KUCINSKI, 2014, p. 42)

Da mesma forma como o conto iniciou, ele termina: com a promessa do soldado de que ela acabaria retornando para ele. É pertinente perceber que a fala dele é carregada de um tom de satisfação, por tê-la sob seus cuidados novamente, uma vez que lhe daria livre acesso para violentá-la de novo. Além disso, o modo como ele chama a mulher de “benzinho” revela um deboche diante da situação que se iniciou e findou da mesma forma: com a mulher debaixo de sua autoridade de torturador. Para além disso, o oficial encara o momento como se fosse uma brincadeira, como se ela fosse uma peça de um jogo para ele se divertir, quando ele a chama para “brincar um pouco”, arrastando-a logo em seguida.

Não se pode perder de vista nesta análise a última frase do conto, que mostra o riso de todos em volta ao perceber aquela violência à mulher. Escancara-se, nesse contexto, a cumplicidade entre torturadores e apoiadores da ditadura militar, que preferem rir e divertir-se a intervirem no sofrimento e dor causados.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

A partir do que foi exposto, é possível perceber que o conto analisado, ao contrário do primeiro, encaixa-se em apenas duas das três categorias propostas por Licarião (2021): “narrativa de retorno” – porque, vez ou outra, a personagem precisou volver o seu olhar para o passado (aqui representado por meio do desabafo/testemunho que ela realiza durante a audiência); e “narrativa de trauma” – por realçar os sofrimentos traumáticos ocasionados pela perseguição militar. Já a “narrativa de busca”, outra categoria apresentada por Licarião (2021), não é notada no conto, pois não existe, necessariamente, um foco em pessoas que foram desaparecidas, até mesmo porque o foco central da narrativa recai na personagem que se encontra presente.

Desse modo, compreende-se que tanto o primeiro conto analisado quanto o segundo permitem compreender o período ditatorial brasileiro como um dos mais chocantes e bárbaros episódios da História do Brasil. As vivências relatadas nos textos, embora fictícios, permitem-nos compreender as dores, sofrimentos e angústias de homens e mulheres que tiveram suas vidas e direito de ir e vir tomados por um Estado amplamente antidemocrático.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foram mostradas perspectivas variadas de autores a respeito da forma como preferiram dividir a temática da ditadura brasileira na literatura. Isso não significa, por sua vez, que determinada vertente apague ou se sobreponha a outra; é o seu contrário, pois contribuem para a compreensão de uma temática que encontra terreno fértil no campo da arte e, de modo mais afinado, na literatura. Nos contos analisados, por exemplo, foi possível observar que as categorias de “narrativa de busca”, “narrativa de retorno” e “narrativa de trauma”, todas propostas pelo pesquisador Licarião (2021), encontraram-se presentes nos textos tomados como objetos de análise.

Ambos os contos analisados carregam, em sua estrutura narrativa, referências contextuais e diretas ao período empreendido pelo regime autoritário militar no Brasil, tendo em vista que, em alguns excertos, tornaram-se visíveis menções aos oficiais militares, às perseguições e a movimentos/ações típicos daquele período. Assim, quer por meio de Joana, quer por meio de

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Raimundo, as duas histórias são passíveis de serem aproximadas, na medida em que representam episódios trágicos na vida de tantas mulheres e homens que tiveram suas vidas estagnadas em decorrência da ditadura, revelando a escrita de Kucinski como uma “literatura de testemunho” ou, como alguns preferem também chamar, “literatura de arquivo”.

Dessa forma, ao lançar luz sobre a figura da mulher nos dois textos tomados como *corpora*, viu-se que as mulheres construídas por Bernardo Kucinski não desistem diante das problemáticas; não se calam, nem mesmo quando isso poderia salvar suas próprias vidas; não se conformam, face às razões infundadas oferecidas por um Estado omissivo. Suas personagens femininas, portanto, são dotadas de uma força sobre-humana que as fazem seguir em frente, com o objetivo de encontrar respostas para interrogações geradas pelo contexto ditatorial.

À vista disso, é perceptível que a literatura contemporânea empreendida por Bernardo Kucinski aproxima as fronteiras entre ficção e realidade, tanto é que sua produção tem sido encaixada na seção de “literatura de testemunho”. Para além de categorizações, a literatura desse escritor desmascara histórias e (re)constrói, por meio da fabulação, vivências e resistências de sujeitos anteriormente violentados, revelando a arte enquanto espaço fértil para tais representações. Não à toa, Lima e Benatti (2021) concordam com esse posicionamento ao demonstrarem que Kucinski consegue articular formas de resistência aos cenários sombrios que cercam o passado, o presente e o futuro brasileiros, com o fito de que “este episódio de violência e autoritarismo não volte a acontecer” (LIMA; BENATTI, 2021, p. 330).

Isso não implica, por sua vez, aproximar – de forma ingênua – literatura e verdade, ficção e documento, mas perceber, como Licarião (2021) salienta, o texto literário enquanto lugar no qual “discursos do e sobre o passado também se manifestam, alimentados, via de regra, por tensões do presente” (LICARIÃO, 2021, p. 12).

Assim, o texto literário mostra-se como relevante em sua expressão de linguagem para a representação de disputas ideológicas que estruturam certa polarização política da nossa sociedade. Na condição de leitores e cidadãos, de modo gradual e não linear, sigamos com maiores avanços na

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

defesa de direitos históricos que minimizem o abismo social, econômico, político e cultural ao qual vem sendo submetida grande parte da humanidade.

## 5 AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica para Projetos de Pesquisa, Inovação, Desenvolvimento Tecnológico e Social voltados para a EaD (PIDITEC-EaD) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

## REFERÊNCIAS

BENATTI, Andre Rezende; MORAIS, Gisele Oliveira de. A representação da literatura como arquivo da ditadura militar no Brasil em “Você vai voltar para mim e outros contos”, de Bernardo Kucinski. **Fólio – Revista de Letras**, v. 13, n. 1, 2021.

CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

FERREIRA, Rafael Nunes. **Literatura em tempos sombrios: os porões da ditadura civil-militar no romance K. Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski**. Dissertação (Mestrado em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, RS: 2018.

GINZBURG, Jaime. Memória da ditadura em Caio Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, v. 15, p. 43-54, 2007.

HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

KUCINSKI, Bernardo. **Você vai voltar pra mim e outros contos**. Cosac Naify, São Paulo. 2014.

LICARIÃO, Berttoni. **Sintomas de precariedade: a memória da ditadura na ficção de Bernardo Kucinski e Micheline Verunschik**. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade de Brasília, 2021.

## ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

LIMA, Carolina Barbosa Lima e; BENATTI, Andre Rezende. Memória e Resistência: A Ditadura Brasileira em K. – Relato de uma Busca, de Bernardo Kucinski. **Cadernos de Literatura Comparada**, n. 44, p. 321-331, 2021.

MICHAEL, Joachim. Memória do desaparecimento: a ditadura no romance “K. Relato de uma busca”, de Bernardo Kucinski. **Teresa**, n. 17, p. 15-30, 2016.

PERLATTO, Fernando. História, literatura e a ditadura brasileira: historiografia e ficções no contexto do cinquentenário do golpe de 1964. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 30, p. 721-740, 2017.

PERTUZZATI, Bibiana Zanella; PORTO, Ana Paula Teixeira. – Relato de uma busca, de Bernardo Kucinski: uma construção de memórias acerca da ditadura militar brasileira. **Vivências**. vol. 13, n. 24, 2017.

SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. Narrando o inenarrável: a literatura de testemunho de Bernardo Kucinski. **Revista Outras Fronteiras**, v. 1, n. 1, p. 50-71, 2014.